

# INFORME MENSAL

## A.HJ.B

Ano 4 - outubro de 2012	Nº 35
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro	
EDITOR: Samuel Belk	

Neste número

1-A abertura 1812

2-Histórias de vida:O rabino Jacob Begun

4-O Rochedo e a Estrela

5-Atividades recentes do Núcleo de Educação do AHJB

### A Abertura de 1812

O fracasso da invasão francesa à Rússia e consequentemente a derrota de Napoleão Bonaparte foi comemorada com uma obra orquestral “A Abertura de 1812”, de Tchaikovsky: lembrada em todo mundo. Ela também é lembrada pela comunidade judaica quando então a Rússia assumiu totalmente O Grande Reino da Polônia (Polônia mais Lituânia).

Nesta ocasião a totalidade dos judeus poloneses e lituanos passou para o domínio russo. Uma população de mais de cinco milhões de pessoas ficou confinada na Europa Oriental em shtetlach (cidadezinhas com maioria de população judaica) e passou a viver segundo regras opressivas e de um antissemitismo, encorajado pelos governos czaristas da dinastia dos Romanof.

Em 1823 o Tzar Alexandre I lançou um Édito proibindo os judeus de possuírem terras, com isso levou à expulsão de 20.000 judeus do campo para as cidades e reduziu a maior parte deles em mendigos e errantes. Em 1827 todos os meninos judeus, a partir de 12 anos, foram convocados para o serviço militar e servir durante 25 anos. Em 1837, em São Petersburgo, foram queimados e proibidos livros judaicos.

No final do século XIX e começo do XX houve pogroms em grande número de cidades como Varsóvia, Lodz, Minsk, Balta, Kishinev, Sinferopol, Odessa, Zhitomor e outras, onde morreram centenas de judeus, mulheres foram estupradas e centenas de casas e lojas destruídas. A partir de 1880 dois milhões de judeus emigraram da Rússia para os Estados Unidos e cerca de duzentos e sessenta mil para Inglaterra e Palestina.

### HISTÓRIAS DE VIDA – RABINO JACÓ BEGUN

*O Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro coletou ao longo de seus 20 anos de existência, através de entrevistas, aproximadamente 400 histórias de vida de imigrantes, seus descendentes e outras pessoas que integram a comunidade judaica paulistana. Neste relato focalizamos aspectos da juventude, da trajetória inicial de vida, das influências e*

*circunstâncias que o levaramo rabino Begun ao rabinato. Ele foi fundador da Sinagoga Tiferet e um dos precursores da corrente ortodoxa Beth Chabad no Brasil, sendo portanto parte relevante da história da comunidade judaica brasileira.*

Eu nasci em Porto Alegre em 12 de março de 1931. Fiz o Grupo Escolar e o Ginásio em escola pública. Quando eu comecei o científico eu trabalhava durante o dia. Eu vim de uma família pobre!

Meus pais, Bernardo e Fany Begun chegaram ao Brasil para as Colônias do Barão Hirsh no Rio Grande do Sul, em mil novecentos e vinte sete. Eles vieram da Lituânia acho que de Pinsk, meu pai era de uma família de judeus observantes e eles já vieram casados da Europa. Nós éramos cinco filhos, eu sou número três. O meu irmão mais velho falecido Marcus acho que nasceu na Europa, não tenho certeza, porém a minha irmã Ida já nasceu em Quatro Irmãos. Depois de mim veio a Léa e meu irmão Henrique Begun do Talmud Torá que é o diretor das escolas Lubavitch em São Paulo.

Meu pai por profissão era marceneiro e assim que ele chegou, assim foi contado e dito, ele construiu uma sinagoga! A vida em Quatro Irmãos era voltada para agricultura, era o único jeito de receber os imigrantes! Mas depois que eles ficaram alguns anos lá, meus pais mudaram para Porto Alegre e eu acho que meu pai começou a trabalhar como marceneiro, mas ele adoeceu e teve que ser operado e depois dessa operação ele estava proibido de carregar coisas pesadas de marcenaria. Aí ele pegou um trabalho de venda de bilhetes na rua, difícil para sustentar uma família de cinco filhos.

Meu pai dava duro, eu me lembro disso de criança. Ele saía de manhã tomando café preto com banana, naquele tempo não tinha leite casher. Ele saía para a rua no verão suando, para vender bilhetes. Entrava nos quartéis, tinha sua freguesia. Não tinha outra maneira para ganhar alguma coisa. E ele voltava só lá para as cinco, cinco e meia, lembro dele tirando o sapato e as meias, chegando cansado ...Meu pai se alimentava assim, isso eu lembro, café preto e banana!

Estando em Porto Alegre eu nasci na primeira casa que nós moramos na Rua Francisco Ferrer, cento e setenta no bairro do Bonfim. E meu pai também construiu a primeira e única Mikve no fundo da casa onde eu nasci! Meu pai fez uma Mikve para guardar o princípio da Família Judaica que é um ponto muito importante dentro do judaísmo. Essa mikve existe até hoje! Eu tinha meu

ginásio, meu programa de estudos, a noite, eu frequentava o movimento sionista, até cheguei a ser madrich, mas uma coisa eu lembro como hoje, eu sei que meu pai todas as manhãs, seis horas ou seis e meia chamava para o Miniam , não importa o que eu fiz de noite ou a que horas eu voltava: Yankel Yankel darfst guein in shul (Você precisa ir à Sinagoga) . Com meu pai eu falava idish, com minha mãe podia falar idish e português. Eu não estudei em escola judaica, eu tinha um professor particular, um Rebe. Mas meu pai, depois da refeição e do descanso de Shabat, lá pelas quatro horas da tarde, ele tomava minha lição, o Chumash, e mais tudo que a gente tinha aprendido.

Quando eu estava no segundo ano ginásial eu saía da minha casa para vender cabides! Eu me envergonhava, eu queria ir longe para um lugar onde ninguém me conhecia. Eu botava um chapéu, somente para disfarçar, eu batia de porta em porta e gritava: "cabides"! Eu queria chegar em casa orgulhoso de ter ajudado!

Naquele tempo vieram rabinos que ficaram na nossa casa. Eu sei que nós dormíamos no chão, porque eles ocupavam as camas! Eu me lembro como se fosse hoje de três grandes rabinos: um foi o rabino Mayone, que era de Magdiel uma cidade israelense; o rabino Zilberberg que era o rabino de Chicago nos Estados Unidos e o rabino Kipnes que era o rabino mais velho. Era um senhor de barba branca também lá de Israel. Eles ficavam na nossa casa por ser uma casa que tinha cashrut, era religiosa. E meu pai perguntou para eles numa das vezes que eles estavam em casa numa das refeições: "Como eu posso salvar meu filho, salvar judaicamente?" Eu sei que depois disso eu recebi uma bolsa de estudo, que veio de Nova Iorque da Yeshiva Lubavitch, uma bolsa de estudos para mim e para meu irmão.

Só que nós éramos menores e tivemos dificuldades para ter o Visto do cônsul dos Estados Unidos. Ele fez perguntas: "Você fala inglês?" "Muito pouco" "Você fala hebraico?" "Muito pouco" "Você fala yidish? Mais ou menos?" "Como você vai receber uma bolsa sem saber uma das línguas?" Eu sei que uns conhecidos acabaram interferindo junto ao consulado, tanto que o Visa foi liberado e eu viajei na véspera de Rosh Hashaná de mil novecentos e quarenta e oito, bem na época da Independência de Israel. Eu lembro que meu pai fez um empréstimo para comprar as passagens e pagar depois em parcelas para poder viajar! Quando eu recebi essa bolsa me perguntavam: então Jacob você vai ser rabino? Eu falava: deixa para lá

imagina, eu vou fazer meu caminho para mais perto de Israel. Esta era a minha ideia!

Viajar para os Estados Unidos foi uma aventura. Foi nossa primeira viagem, nós nunca tínhamos viajado nem de trem, nem a lugar nenhum, nunca saímos de Porto Alegre. Eu e meu irmão Henrique viajamos em um avião bimotor da Aero linhas Brasil. A primeira escala foi em São Paulo, depois Cuiabá, Belém, Guiana, Caracas e na República Dominicana estoura um motor e nós ficamos três a quatro dias numa área no interior. E eu tinha só uma merenda e o que nós íamos comer? Eu vou dizer uma coisa, nós emagrecemos muito, nós não tínhamos comida e meus pais não sabiam onde nós estávamos. Finalmente consertaram o motor e nós seguimos viagem para Miami.

Chegando a Miami , nós fomos detidos pela imigração, porque nosso passaporte não tinha autorização de ninguém maior. Nos levaram para o Hotel, me lembro como se fosse hoje era o Everglades. Era uma sexta feira e nos diziam o seguinte: Enquanto não resolvermos o problema do visa para continuar a viagem, vocês vão ficar no Hotel Everglades. Eu fiquei apavorado! Nós estávamos no hotel e eu pensando: na casa do meu pai onde sempre cumpri o Shabat , como vai ser? Eu não conhecia Miami, não conhecia nada, mas saímos para a rua e quando encontrava alguém eu perguntava "Are you Jewish?" com o pouquinho de inglês que eu sabia. Onde eu vou passar o Shabes, como é que vai ser conosco? E aí finalmente eu fui bater na porta de um Shil e tinha alguém lá no quintal abrindo o Shil. Eu disse: estamos procurando uma casa para passar o Shabes. Ele então ligou para o rabino da cidade e aí indicou uma família cuja mulher, Glazer, era presidente de uma instituição judaica, acho que da Jewish Women of America do setor de Miami e o marido dela era Louis. Finalmente nós fomos levaram para ficar na casa deles e passar o Shabat. Eles eram tipo Bnei Akiva, os Lubavitch tem uma linha e o Bnei Akiva, outra! . Como ficamos fascinados! Eu só sei que passamos um Shabat bonito e fomos tratados com muito amor e dedicação.

Domingo veio a resposta do visto! Eu só sei que depois do Shabat fizeram um pacote, não estou exagerando, de tudo o que há de melhor . Nos acompanharam até o avião que ia nos levar para a Yeshivá. Eu lembro como se fosse hoje, essa lembrança me marcou muito.

Chegamos à Nova York na Seven Seventeen Eastern Parkway. O primeiro rabino que apareceu foi o Rabino Azriel Haikin, ele que nos encaminhou e tudo mais. Hoje ele é o rabino chefe da Ucrânia e nesta ocasião ele se achava nos Estados Unidos. Eu encontrei com ele nesta

ultima convenção de rabinos em Nova Iorque! Enfim, ele nos encaminhou para a Yeshivá, o prédio era em outro lugar e a primeira impressão não foi agradável, era um prédio antigo, muito antigo. Chegamos com muita fome. Depois de comer alguma coisinha eu fui olhar a sinagoga. Era um prédio antigo com as luzes apagadas, porém no fundo havia uma lâmparina acesa e lá estava um menino estudando sozinho em voz alta. Mais tarde nós fomos colegas e hoje ele é um dos rabinos principais do Movimento Lubavitch do Seven Seven de Nova Iorque!

Foi assim que começou a história da Yeshiva. Foi difícil o começo, a adaptação. Achei tudo muito esquisito, eu achava estranho os tipos que eu vi, todos os tipos! Eu pensei comigo: será que aqui é meu futuro, meu lugar? Eu tinha muitas dúvidas. Só que aconteceu que meses depois, falece o sogro do nosso Rebe, hoje ele também é falecido, e eu, um rapaz que veio do Brasil tive o mérito, antes do falecimento dele, de ver o Rebe quando ele estava doente com a barba branca meia ruiva e com os olhos fortes. Mas eu vi o Rebe neste momento e era a última vez que as pessoas tiveram esse mérito de ver o rosto dele. Assim eu cheguei e falei Le chaim e bebi e logo sai porque eu achava que eu não tinha o direito de estar lá. Eu era um menino, o que eu entendia? Nada! Todo mundo lá tinha muito mais campo, mais tempo! Alguns meses antes eu tinha tido uma primeira oportunidade de ver o rosto do Rebe, foi numa reza de Rosh Hashana.

Eu vi muita verdade, muita verdade na conduta do Rebe, na imagem dele, na forma que dizia as coisas e no amor ao próximo. E tem um ensinamento que também me marcou profundamente - é um versículo dos Salmos do Rei David sobre como a gente tem que olhar para alguém! Eu olhava para a casca, depois dessa frase, eu troquei de opinião, eu aprendi alguma coisa. Deus nos dotou com dois olhos, com o olho direito olha para os outros e com o olho esquerdo de crítica, olha para dentro de você. Exija o máximo de você e o mínimo dos outros. Eu tinha a religião dos meus pais mas o conteúdo foi pela convivência com o Rebe. Depois de um ano, sabendo a vontade de meus pais, eu tinha em mente estudar, querer terminar, ter um certificado de rabino. Meu pai queria isso de mim.

Depois começaram a chegar mais brasileiros, era nosso grupo, a gente chegava a fazer reuniões e se perguntava: como é que nós vamos espalhar a religião? Não pode dar a mão para mulher, não pode fazer isso e fazer aquilo, a gente estava aprendendo: como é que nós vamos nos

comportar? Só quero dizer para vocês que o nosso grupo de brasileiros escreveu duas cartas para o Rebe, porém ele escrevia com o próprio punho, o Rebe corrigia e fazia as coisas ele mesmo. Imagina o Rebe ter tempo para fazer isso! Também divulgávamos um boletim. Naquele tempo o movimento estava começando, começou pequeno e se desenvolveu. Então foi assim!

Um dia o Rabino Smarial Gurari me pede para ir para Bufallo ocupar o lugar do Rabino Groner que estava indo para a Austrália. A princípio eu respondi: quero casar, lhe peço com todo respeito, eu não quero ir! Mas o Rebe falou "guei shoin" (Vai já) e aí eu fui para Bufallo. Lá eu fiquei como diretor de uma escola "day school" que funcionava só a tarde. Eu sabia que um dia o Rebe ia me mandar para o Brasil e eu queria estar preparado. Eu estava em Bufallo e lá tinha uma matança muito grande de animais para casher e eu aproveitei isso lá, aproveitei para saber e me formei soichet, eu consegui isso lá.

Eu estava em Bufallo e num Shabat eu vi uma fotografia da Sheindel que me agradou. Então eu fui para Nova Iorque, nós saímos, nos conhecemos e depois que a gente saiu algumas vezes, o pai e ela estavam preocupados, será que eu vou para o Brasil? No fim a gente ficou noivo em Nova Iorque. Lá em Bufallo fizeram uma tarde um chá, muito lindo, com toda colônia, então a gente fez amizade e ficamos dois anos e meio lá. O nosso casamento foi realizado pelo Lubavitcher Rebe, nós tivemos esse mérito!

O pai da Shendl é de uma família muito importante. O Rebe fez meu casamento em tributo a Shendl. E a partir dali o Rebe me indica um Slichut para o Brasil. O Rebe diz assim para mim " Você vai visitar Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e depois eu vou dizer onde você vai ficar. Eu fiz exatamente isso. Meu primeiro trabalho começou no Rio de Janeiro. Eu fiquei lá dois anos, de 1957 a 1959. Nós abrimos uma escolinha pré primária, começando do maternal e ao lado disso também um Cheder para parte judaica. Fizemos lá a Colonia de Férias Gan Israel que é o nome popular de todas as colônias que o Lubavitch e o Chabad fazem. Ficamos dois anos e acho que fizemos um ótimo trabalho. Mas aí começa uma nova história!

**Entrevista realizada em 7 de Junho de 2006 por Paulina Faiguemboin e Paulina Firer, com transcrição de Thea Joffe e edição de Sueli Epstein.**

## **O Rochedo e a Estrela**

Léa Vinocur Freitag

O documentário “O Rochedo e a Estrela” mostra como no século XVII o judaísmo pôde ser praticado no Brasil holandês, em Pernambuco, analisando um período de progresso e liberdade, em plena vigência da Inquisição, que persistiu nos séculos seguintes.

Nessa obra de grande valor artístico e documental deve-se ressaltar o trabalho da cineasta pernambucana Katia Mesel, responsável pelo roteiro e direção, produção executiva e internacional, além da direção de arte. Sua origem judaica deve ter colaborado para captar com sensibilidade esse período de grande significado para a cultura brasileira.

Houve uma intensa aculturação do português, africano, índio, judeu e holandês, que gerou tolerância e liberdade, tornando possível o desenvolvimento em todos os setores da sociedade. O Príncipe Maurício de Nassau (1604-1679) chegou em Recife em 1637 e ficou encantado com a beleza da terra, que passou a chamar de Nova Holanda. Com Nassau vieram escultores, astrônomos, arquitetos, cientistas, além de pintores, do nível de Franz Post e Albert Eckhout. Ele intensificou o sistema de produção de açúcar no nordeste, modernizou a cidade de Recife, construindo canais, diques, pontes e palácios, além de criar o Zoológico, Museu Natural e Jardim Botânico. Melhorou ainda a qualidade de serviços públicos, como coleta de lixo e bombeiros.

O documentário de Katia Mezel apresenta entrevistas valiosas, realizadas no Brasil, Holanda e Israel, com depoimentos de personalidades, como professores e rabinos, conhecedores desse período histórico. O historiador Eduardo Bueno foi um desses entrevistados, com intervenções em diversas passagens do documentário.

O período dos holandeses no Brasil faz parte dos programas escolares e até do vestibular. Seria uma grande contribuição divulgar esse documentário em escolas, inclusive judaicas, comprovando essa convivência pacífica, no período da Inquisição.

Fica a sugestão de aproveitamento desse material valioso pelas escolas e instituições judaicas.

### **Atividades recentes do Núcleo de Educação do AHJB**

Dando continuidade à parceria do AHJB com o Colégio Bialik, no dia 22 de agosto, a visita anual

dos alunos do 9º ano do Fundamental II à sede do Arquivo foi realizada excepcionalmente este ano na sede da nova Escola Alef. Nesta apresentação os alunos tomaram conhecimento das atividades das várias instituições que preservam a memória como os museus, bibliotecas e arquivos. Puderam ver uma pequena parcela dos vários acervos do AHJB como documentos e fotos históricas e puderam procurar o nome de seus familiares na lista de entrada do porto de Santos da Instituição EZRA, dos anos de 1928 a 1932.

O acervo do AHJB irá participar do “II Encontro de Ciências Sociais” do Centro Educacional da Fundação Salvador Arena, cujo tema será Oriente Médio, no dia 28 de setembro. O encontro contará com a presença de aproximadamente 650 alunos, aos quais serão apresentadas palestras e mesas-redondas sobre temas relacionados à conjuntura política. Foram selecionados objetos como: shofar, chanukiah, entre outros e cartazes pedagógicos do acervo do casal Egon e Frieda Wolff.

No dia 29/09 o AHJB receberá todos os professores da Escola Municipal Anne Frank de Belo Horizonte, que faz parte do projeto de formação dos professores e que contará com uma visita ao Museu da Língua Portuguesa e ao Museu do Futebol. No AHJB os professores assistirão a três palestras: breve apresentação do AHJB pela coordenadora Lucia Chermont, “Reflexões sobre Intolerância” ministrada pela doutora em história e diretora de educação do AHJB, Anna Rosa Campagnano Bigazzi e “Análise da Política Mundial na atualidade” pelo consultor geopolítico Heni Ozi Cukier.

#### **Colaboradores**

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont, Rebeca Belk, Sueli Epstein, e Hadasa Cytrynowicz (correspondente de Los Angeles).

### **Arquivo Histórico Judaico Brasileiro Presidente: Mauricio Serebrinic**

Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 2157-4121  
E Mail: [ahjb@ahjb.org.br](mailto:ahjb@ahjb.org.br)  
Site: [www.ahjb.org.br](http://www.ahjb.org.br) **Distribuição gratuita**

Edição atual: Quatro páginas.

Tiragem: 800 exemplares, sendo 150 impressos e 650 digitais.

Todos os números anteriores do Informe se encontram no Site do Arquivo.